

## Apresentação

A Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI) tem por finalidade contribuir com a ciência litúrgica, incentivando seus membros na elaboração de conteúdos que possam ajudar as diversas instâncias no processo litúrgico em nosso imenso país. Por isso, temos a alegria de apresentar um segundo livro, intitulado *Atualização litúrgica 2*, que é composto por um conjunto de artigos desenvolvidos pelos seus membros e por outros pensadores da ciência litúrgica, oportunizando ao leitor o acesso ao fruto de suas pesquisas e reflexões.

A cada ano, a ASLI realiza o estudo de temáticas pertinentes à caminhada litúrgica das universidades, faculdades, institutos de formação, dioceses, paróquias e comunidades, em uma perspectiva latino-americana, provocando a reflexão, o debate, a troca de experiências.

Em 2019, realizamos a 4ª Jornada Litúrgica, em Brodowski (SP), cujo tema foi: “As interpelações do papa Francisco para a liturgia

hoje”. O encontro foi assessorado por Pe. Washington da Silva Paranhos, SJ, e, por isso, abrimos esta edição com as suas reflexões.

Ângelo Cardita desenvolveu o artigo “O tempo é superior ao espaço? Considerações litúrgicas”. Nele, o autor convida-nos “[...] a refletir teologicamente sobre a dimensão temporal da ação pastoral. Esse convite não pode deixar de provocar a teologia e a pastoral litúrgicas. Mas será que a liturgia confirma que o tempo é superior ao espaço?”, questiona o autor, levando-nos à reflexão.

Em seguida, Pe. André Luiz Bordignon-Meira apresenta o texto “Uma liturgia que *primeira*”. Em sua reflexão, o autor destaca a importância das paróquias no processo de desenvolvimento litúrgico e indica que “o movimento de uma liturgia que *primeira* faz parte da diversidade cultural vivida pelas pessoas que recebem o anúncio querigmático, elemento indispensável para a construção do Reino”.

No artigo “Francisco: um pastor em comunhão plena com o Vaticano II”, Pe. André Luiz Massaro destaca que o “papa Francisco assumiu decididamente o modelo de Igreja do Concílio Vaticano II. Seu pastoreio enaltece a sinodalidade. Além disso, celebra de um jeito simples, sóbrio e solene, preocupando-se com os problemas do povo mais pobre. E, para isso, suja seus pés, sem medo, nas periferias existenciais do mundo inteiro. Diz preferir uma Igreja ferida, cheia de lama, a sair às ruas, do que toda enfeitada e preservada, por não se lançar nas trincheiras da missão”.

Partilhando sua experiência pastoral no sertão pernambucano, Pe. Alberto Reani apresenta o texto “O sertão das devoções: um desafio para a renovação litúrgica”. O autor destaca que o “Deus do êxodo, a experiência das tendas e a caminhada no deserto tornam-se expressão da realidade cotidiana do sertanejo, que lida com a terra, com o sol escaldante, com a pouca chuva, com uma caatinga que teima na busca do pouco que o clima oferece”.

O Pe. Marcelo Luiz Machado convida-nos a perceber “A força dos ‘signos evangelizadores’ no limiar de uma nova época: o sopro primaveril numa ‘Igreja em saída’”. Os signos evangelizadores são: *martyria, kerigma, didaskalia, crisis, leitourgia, koinonia e diakonia*.

Percorrendo o itinerário da Palavra, Pe. Ademilson Tadeu Quirino destaca “A dignidade da Sagrada Escritura na liturgia”. Seguindo o autor, “o foco desta reflexão será uma leitura teológico-litúrgica da liturgia da Palavra nas assembleias judaica e cristã (mas, especificamente, na tradição da Igreja católica romana)”.

Ir. Lucy Terezinha Mariotti conduz sua reflexão dentro da dimensão do espaço litúrgico, com o artigo “As artes e a arte litúrgica nas interpelações de papa Francisco”. A reflexão desenvolvida pela autora “busca encontrar a compreensão de papa Francisco sobre a arte litúrgica, a partir do seu livro-entrevista *La mia idea di arte*, com contribuições a partir de alguns documentos do seu magistério, de seus discursos e gestos simbólicos. O tema está vinculado às suas convicções quanto à Igreja, à liturgia, à pessoa, à vida humana e a toda a criação”.

A dimensão do canto e da música litúrgica é contemplada pelo Pe. Jayder Oliveira dos Santos, o qual reflete sobre “O canto e a música na sagrada liturgia”. Para o autor, a “relevância da temática em questão dimana de uma realidade decididamente presente e vivida pelas comunidades cristãs, que se reúnem para celebrar a fé por meio da oração pública e oficial da Igreja: a Sagrada Liturgia. Justamente por caracterizar a fé da Igreja, a ação pastoral do canto e da música na celebração litúrgica deve estar provida de uma reflexão fundamentada em princípios teológico-litúrgicos, como pressupõe e fomenta tal temática”.

E, com Arnaldo Antonio de Souza Temochko, teremos a oportunidade de refletir sobre o tema “Os salmos no *Ofício divino das comunidades*: simbiose entre letra e música”. De acordo com ele,

a “análise da simbiose que letra e música possuem entre si, a partir dos salmos do *Ofício divino das comunidades*, pretende ser uma contribuição na clarificação de elementos balizadores na crítica da música litúrgica-ritual como um todo. Afinal, não basta revestir um texto sacro-litúrgico com música, é preciso perceber se tal música é capaz de tornar-se cúmplice de determinado texto, ajudando-o a conduzir a assembleia, que o reza cantando ao mistério celebrado”.

Desejamos a todos uma leitura edificante. Somos, ainda, gratos a todos que contribuíram para que esta obra fosse publicada. Que o Espírito Santo continue nos conduzindo nesta peregrinação terrestre, na esperança de um dia participarmos, efetivamente, da liturgia celeste.

**Padre Kleber Rodrigues da Silva**

*Presidente da Associação dos Liturgistas do Brasil*

# CAPÍTULO I

## As interpelações do papa Francisco para a liturgia de hoje

*Pe. Washington da Silva Paranhos, SJ<sup>1</sup>*

O convite para esta assembleia fez-me retomar alguns pontos já estudados sobre o pontificado do papa Francisco; fez-me retomar a caminhada da reforma litúrgica empreendida pelo Concílio; fez-me sonhar com novos horizontes em meio aos paradigmas atuais.

A eleição do papa Francisco, de certa forma, abriu um novo capítulo nos debates pós-conciliares sobre a liturgia. Se as primeiras celebrações litúrgicas do seu pontificado eram apenas uma indicação, ele pôde, de modo magisterial, temperar e dar gosto ao fervor daqueles que têm sido mais críticos às reformas empreendidas pelo Concílio Vaticano II. Suas ações mostram que ele é não só

---

<sup>1</sup> Presbítero jesuíta, doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, com especialização em Liturgia e Sacramentária. Professor da Faculdade Jesuíta em Belo Horizonte no Departamento de Teologia.

favorável à nova liturgia e à sua maior simplicidade, como também indicam que ela é irreversível, como veremos a seguir.

Assim, a reforma pós-conciliar provavelmente vai continuar em ritmo acelerado, esperamos! Mas, no que diz respeito aos principais objetivos da *Sacrosanctum concilium*, a reforma está longe de terminar, pois não é suficiente a tradução para afirmar-se que a reforma aconteceu. Certamente, há um bom número de comunidades católicas em que a visão renovada da liturgia do Concílio tem sido assimilada e celebrada, mas há inúmeras em que a mensagem foi digerida apenas pela metade ou sem uma apreciação profundamente interiorizada das implicações dessa visão.

Pretendo desenvolver esse trabalho considerando os seguintes passos: 1) primeiro, revisitar a questão litúrgica e o sentido desse questionamento para identidade eclesial-litúrgica hoje; 2) num segundo momento, o processo vivido nos últimos decênios no campo eclesial e litúrgico; 3) o papa Francisco: primeiras impressões; gestos não reconhecidos; a sua contribuição inicial ao campo litúrgico-sacramental; e finalmente: 4) as atuais interpelações no seu pontificado e as tarefas que precisamos assumir.

## 1. A questão litúrgica

Com um pequeno resguardo sobre a história da liturgia, damos-nos conta de que sempre houve períodos históricos nos quais a liturgia foi reconhecida com particular atenção, tanto que se caracterizou em toda a vida da Igreja e em todas as épocas.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Segundo B. Neunheuser, períodos históricos particularmente ricos para a liturgia foram aqueles em que se criaram as grandes famílias litúrgicas (do séc. IV ao VI), o período franco de Pepino e Carlos Magno, com a reforma de Alcuíno, os séc. X-XI, e assim por diante. Cf. Neunheuser, B. História da liturgia. In: Sartore, D.; Triacca, A. M. (ed.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 522-544.

No entanto, o movimento litúrgico<sup>3</sup> como tal pode ser considerado como um fenômeno muito recente, seja pela denominação, seja pelo conteúdo.<sup>4</sup> A expressão “movimento litúrgico” aparece pela primeira vez na Alemanha no *Vesperale* de A. Schott, editado em 1894, e foi acolhida para indicar um fenômeno histórico-cultural típico do nosso tempo, embora, ao longo da história, sempre houvesse movimentos que sucessivamente desembocassem em uma transformação da liturgia. É árduo, senão impossível, como ocorre com qualquer movimento, atribuir-lhe uma definição sintética e completa. A melhor talvez seja a que encontramos nas palavras de Neunheuser: “corrente que reúne vastos ambientes na busca de uma renovação em primeiro lugar da própria vida espiritual, deixando-se atingir pela força da liturgia e, em segundo lugar, da liturgia em si, partindo de uma compreensão mais profunda do seu espírito e das leis íntimas que a regem”.<sup>5</sup> Disso podemos, para simplificar, indicar dois objetivos do movimento litúrgico: a) fazer da liturgia o alimento da vida cristã; b) responder à pergunta: “O que é a liturgia?”.

Pode-se falar de duas instâncias: a instância histórico-hermenêutica e a instância espiritual. Nestas, estão implícitas, e devem ser consideradas, a instância teológica e a instância pastoral.

A restauração litúrgica tridentina resultou em um tenaz anexo às formas herdadas de uma Idade Média na qual a liturgia tinha se tornado um fato clerical distante do povo. A teologia do culto cristão, aquela dos Padres, tinha sido esquecida, e o evento da salvação, operante na ação litúrgica, continuava ausente.

---

<sup>3</sup> De agora em diante: ML.

<sup>4</sup> Cf. Rousseau, O. *Storia del movimento liturgico. Lineamenti storici dagli inizi del secolo XIX fino ad oggi*. Roma: Paoline, 1961. O texto contém um longo apêndice de S. Marsili sobre a “História do movimento litúrgico”, p. 263-369.

<sup>5</sup> Neunheuser, B. Movimento litúrgico. In: Sartore, D.; Triacca, A. M. (ed.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 787.

Entre os inúmeros acontecimentos que marcaram o fim do século XIX e o início do XX, no sentido de voltar às fontes, como o movimento bíblico, o movimento patrístico, o movimento ecumênico, cristológico, eclesiológico, sociológico, antropológico, acrescenta-se também o movimento litúrgico. Que, como tal, não pode ser pensado de modo autônomo dos demais, mas antes no seu conjunto e buscando responder, com autenticidade, a uma pergunta em muitos aspectos inédita na experiência da Igreja cristã e ligada substancialmente à evolução moderna da cultura e da consciência civil. Trata-se da *questão litúrgica*, ou seja, da interrogação posta primeiramente pela história e depois assumida criticamente pela teologia, ou seja: a relação originária e fundamental entre fé/revelação e culto/rito. A questão litúrgica diz respeito à relação que as ações simbólico-rituais exercem para a identidade eclesial como lugar de acolhida da revelação na fé,<sup>6</sup> à descoberta do essencial dessa relação, ou seja, da impossibilidade de o dado significativo da fé/revelação permanecer fora de um quadro cultural e ritual, o que impulsionou o estudo do culto cristão.<sup>7</sup>

Considerando esse pano de fundo teórico, constituído pela *questão litúrgica*, isto é, o colocar-se dos ritos de modo problemático no interior da cultura e também da experiência de fé, e que determinou algumas características relevantes da nova forma de saber litúrgico-sacramental, surge uma nova forma de saber:

---

<sup>6</sup> Cf. Grillo, A. Il metodo in teologia sacramentaria in rapporto al sorgere della “questione liturgica”. In: Giacchetta, F. (ed.). *Grazia, sacramentalità, sacramenti: Il problema del metodo in teologia sacramentaria*. Assisi: Cittadella, 2008, p. 40. Vale salientar que A. Grillo talvez seja o primeiro a buscar que se percebesse o fato de que a questão litúrgica diz respeito também à questão sacramental. Muitos liturgistas permaneceram fechados na defesa da liturgia como lugar teológico, esquecendo-se de outros dados e relações com o mistério celebrado.

<sup>7</sup> Cf. Grillo, A. Liturgia e sacramenti. In: Canobbio, G.; Coda, P. (orgs.). *La teologia del XX secolo. Un bilancio*. Roma: Città Nuova, 2003, p. 412.



o estudo litúrgico (*Liturgiewissenschaft*), o qual evidentemente entra em contraste com o saber litúrgico-sacramental clássico, em particular quanto ao método. O ponto de partida da novidade constitui-se da verdadeira necessidade de reconstruir o pressuposto global – o *pensamento total*, como reivindicava O. Casel, e a *forma de vida*, defendida por R. Guardini – da experiência litúrgico-sacramental cristã.

Isso implica uma nova atenção às condições elementares de acesso à experiência sacramental. Se considerarmos apenas, a título de exemplo, o pensamento de R. Guardini, em sua obra sobre a eucaristia,<sup>8</sup> notamos que boa parte dela se dedica ao “comportamento”. Esta é uma autêntica e verdadeira reformulação do método teológico litúrgico-sacramental. Desse modo, consideram-se os sacramentos da iniciação cristã, por exemplo, não apenas no sentido de serem administrados, mas como verdadeira iniciação.

Também uma nova ideia de Igreja caracterizou os inícios do movimento litúrgico. O novo clima histórico-cultural que se criou entre a época do Romantismo e a do Iluminismo levou os leigos católicos a uma plena consciência de pertença à Igreja.<sup>9</sup> A situação histórica, cultural e religiosa que havia criado e defendido a imagem de uma Igreja, relativa e historicamente condicionada, como

---

<sup>8</sup> Cf. Guardini, R. *Il testamento di Gesù*. Milano: Vita e Pensiero, 1993. Recordemos que a edição original dessa obra é de 1939.

<sup>9</sup> Com esta afirmação, não pretendemos abraçar a tese do chamado movimento restauracionista, segundo o qual o pensamento iluminista e o racionalismo teriam influenciado, de modo determinante, os defensores da reforma litúrgica: “È innegabile che la nostra cultura attuale sia influenzata, in positivo come in negativo, dall’Illuminismo, ma non tutta la sua influenza è stata nociva. Comunque, riguardo alla liturgia, considero corretta la posizione espressa dall’abate Boniface Luykx nel saggio ‘The Liturgical Movement and the Enlightenment?’; pubblicato sulla Rivista della Society for Catholic Liturgy *Antiphon* 3 (1998), 1: ‘La tesi complessiva di una relazione con l’Illuminismo è, a mio avviso, destituita di ogni fondamento. È vero piuttosto il contrario [...]. Se vi è mai stato nella chiesa un movimento che si è opposto all’Illuminismo, questo è stato il movimento liturgico’”. Cf. Weakland, R. Il movimento restauracionista. *Il Regno-attualità* 4 (2002), p. 126.

sociedade jurídica perfeita agora parecia superada. Inicia-se uma nova forma de pensar a Igreja como sacramento e em relação com a nova reflexão teológica.

Por outro lado, o modelo do saber litúrgico-sacramental clássico parece incapaz de mediar o novo pressuposto, isso não porque o ignore, mas simplesmente por considerá-lo muito evidente. A possibilidade de se falar em termos como *signal* e *causa* tem pressuposto o *símbolo* e o *rito*. E, para recuperar tal pressuposto simbólico-ritual, é necessário recorrer à interação da teologia com diversos níveis de ciências humanas: da história e filologia (inicialmente) à antropologia e sociologia (não muito depois). Segundo A. Grillo:

[...] o movimento litúrgico manifesta precisamente esta tendência de tratar a questão litúrgica sobre o plano teórico e prático, segundo um estilo que muda de acordo com três períodos/estilos fundamentais: da pressuposição,<sup>10</sup> depois da remoção/sobre determinação e finalmente da reintegração. Propriamente, essas três grandes fases indicam uma particular relação que se estabelece entre a reflexão teológica e a experiência simbólico-ritual do culto.<sup>11</sup>

Em um primeiro momento, ainda na passagem da Revolução Francesa, pode-se simplesmente pressupor a base experiencial ainda não de modo problemático; uma segunda etapa, que corresponde à modernidade tardia, possibilitou remover esse pressuposto ritual do coração do trabalho teológico, religando-o ao nível de simples

---

<sup>10</sup> Pressuposto é o conjunto de ideias normalmente (não necessariamente) definidas *a priori* que serve como ponto de partida para a análise das evidências. Eventualmente esse conjunto de ideias é suportado por evidências e é fruto do labor teológico. Por outro lado, assume-se eventualmente o mesmo como verdadeiro.

<sup>11</sup> Cf. Grillo, A. Il metodo in teologia sacramentaria in rapporto al sorgere della “questione liturgica”, p. 42.

consequência ou mesmo o sobredeterminando, excluindo a possibilidade de poder chegar a qualquer abertura teológica, de modo a cair, dessa forma, em uma sacramentária sem base ritual ou em um estudo da ritualidade sem relevo teológico. Para que o Movimento Litúrgico conseguisse a reintegração de uma base simbólico-ritual no fundamento da fé, precisou realizar um profundo repensar do método teológico, superando seja a “primeira” ingenuidade não mais possível do período da pressuposição, seja o duplo erro do racionalismo e do imanentismo, típico do estilo que remove e/ou sobredetermina o rito. É evidente que a “questão litúrgica” não diz respeito simplesmente ao papel da liturgia na vida da Igreja, mas toca o coração da autoconsciência teológica e da identidade eclesial.<sup>12</sup>

É muito mais pertinente considerar a passagem à nova consideração do sacramento no gênero do rito como a de uma retomada, por parte da teologia, de um dos pressupostos da experiência cristã do Deus de Jesus Cristo, a qual, exatamente com a reflexão teológica, tem a missão de tematizar e de ilustrar. O modelo teórico necessário para pensar essa evolução não necessita contrapor-se à ontoteologia,<sup>13</sup> nem permanecer simplesmente em tal continuidade com o passado, para confirmar o regime da pressuposição; pode,

---

<sup>12</sup> Cf. *ibid.*, p. 43.

<sup>13</sup> A terminologia *ontoteologia* é a expressão usada por Heidegger para designar um traço essencial da metafísica ocidental. Apresentar as determinações do conceito do *ser* a partir dos traços fundamentais de um *ente* particular seria a orientação geral da confusão entre *ser* e *ente*. Para Heidegger, o componente ontoteológico estaria presente na convergência das duas direções de investigação da filosofia primeira. Ou seja, a busca das determinações dos *entes* enquanto *entes* e daquelas determinações próprias ao *ente* supremo encontraria unidade na pergunta pelo *ente* como tal e em seu todo, isto é, no fundamento unificador e determinador dos entes em geral. De um ponto de vista histórico, porém, a expressão ontoteologia não é uma criação técnica da filosofia de Heidegger, uma vez que sua origem se encontra na obra de Kant, mas em uma acepção mais específica, e restrita ao contexto da assim chamada prova ontológica da existência de Deus. Cf.: Hendrich, D. *Der ontologische Gottesbeweis*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1967.